



O Sujeito: Entre a renúncia e a recusa

The Subject: Between renunciation and refusal

Amandio de Jesus Gomes¹

Victor Hugo Silva dos Santos²

Resumo: O presente trabalho pretende abordar possíveis desdobramentos do último mecanismo de defesa apresentado por Freud, em um texto inacabado do final de sua vida, a *Cisão do Eu como mecanismo de Defesa* (1938). No início desse escrito existe uma vaga alusão à possibilidade de que o mecanismo seja “há muito conhecido e óbvio”, porém, apesar de tal indicação, Freud não segue por essa via. Acreditamos poder ler os fenômenos da vida psíquica, em diversos âmbitos, como consequências dessa divisão fundamental. Para isso, percorremos alguns importantes textos freudianos na tentativa de entrever como a Divisão do Eu poderia se configurar.

Palavras-chave: Psicanálise, cisão do eu, agressividade.

Abstract: The article discusses some possible developments of Freud’s last defense mechanism, “The Splitting of the Ego in the Process of Defense”, as presented in an unfinished text thus intitled towards the end of his life. In spite of a vague suggestion in the beginning of this text that such mechanism is “already long known and obvious”, Freud does not really take it for granted, and goes on examining it. We believe we can understand pathological mental phenomena, or even mental life in general, as determined by this fundamental splitting. With that in mind, we review important freudian texts in an attempt show that the Splitting of the Ego is to be understood in a broader sense in psychoanalysis.

Keywords: psychoanalysis, splitting of the ego, aggressivity

A hostilidade, da qual o indivíduo nada sabe nem quer saber, é jogada da percepção interna para o mundo externo, é desprendida da própria pessoa e empurrada para outra.

(FREUD, 1913, p. 69)

1 - Professor do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da UFRJ.
- Membro da Escola Letra Freudiana. E-mail: amandio.ag@gmail.com.

2 - Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da UFRJ. – E-mail: victor-rai@hotmail.com

Freud começa seu escrito inacabado de 1938, *A cisão do Eu como mecanismo de defesa*, com uma curiosa observação: “Encontro-me, por um momento, na interessante posição de não saber se o que tenho a comunicar deve ser avaliado como há muito tempo conhecido e óbvio ou como algo totalmente novo e estranho. Creio, contudo, tratar-se do segundo caso”. Se Freud houvesse realmente decidido pelo segundo caso, tal comentário seria desnecessário. O presente artigo pretende investigar a outra opção, a possibilidade de ler a cisão do Eu como um mecanismo familiar à psicanálise. A manifestação desse mecanismo de defesa será para nós a ambivalência emocional, conceito que aparece em diversos momentos na obra Freudiana. Nessa perspectiva, os fenômenos de massas, descritos por Freud no seu ensaio de 1920, podem ser lidos como uma tentativa artificial de suspensão da cisão do eu.

O segundo e o maior ensaio de *Totem e Tabu* (1913) – “O tabu e a ambivalência de sentimentos” – é onde, em toda a obra freudiana, o tema da ambivalência é discutido de maneira mais exaustiva. Convém, então, começarmos por ele. Freud se vale, inicialmente, da tese de Wundt de que o medo dos demônios é a essência do tabu. É crença comum, entre os mais diversos povos, que os mortos são hostis aos vivos, eles têm o desejo de lhes fazer o mal. A hostilidade dos mortos vale até mesmo, e sobretudo, em relação aos seus familiares. Há um terrível medo do retorno do espírito do falecido. Cumprem-se diversos ritos para manter o espírito afastado e em paz. Mesmo a pronúncia de seu nome deve ser evitada sob pena de invocar a presença maligna. Em alguns povos, inclusive é dado um novo nome ao morto, para que não se use o antigo. Em suma, há uma crença de que, quando alguém morre, “sua alma é transformada em demônio”, como escreveu Wundt. Freud não nos sugere que essa hostilidade é propriamente do morto para com os vivos, seja por vingança, inveja ou saudade. São os vivos que trazem, por toda a vida, tal sentimento hostil, que se torna ainda mais inaceitável após a morte de uma pessoa amada.

[...] um desejo inconsciente para ele próprio, que não ficou insatisfeito com a morte e que a teria provocado se tivesse poder para tanto. É contra esse desejo inconsciente que a censura reage após a morte da pessoa amada. Tal hostilidade, escondida no inconsciente por trás de um amor terno, existe em quase todos os casos de intensa ligação emocional a determinada pessoa; é o caso clássico, o modelo da ambivalência dos sentimentos humanos (FREUD, 1913, p. 109).

Tal como o encontramos nas censuras obsessivas, o sentimento de ter tido alguma participação na morte é, no fundo, uma defesa contra uma satisfação inconsciente pelo falecimento da pessoa amada. “Encontramos mais uma vez, assim, o fato de que o tabu cresceu no solo de uma disposição emocional ambivalente. O tabu dos mortos também provém da oposição entre a dor consciente e a satisfação inconsciente pelo falecimento” (FREUD, 1913, p. 110). Se persistirmos na investigação da ambivalência emocional, podemos ver que é sempre necessário um

longo esforço interpretativo para reconduzir as duas correntes pulsionais opostas para a pessoa que as despertou. Há uma forte resistência do psiquismo contra a ambivalência, é insuportável que o objeto do amor e do ódio seja o mesmo. Assim, nas fobias, o medo de um animal serve como substituto para o medo do pai. A formação substitutiva tem a vantagem de evitar um conflito de ambivalência, uma vez que o pai é ao mesmo tempo um objeto amado e odiado.

Por mais que tenha se dedicado ao problema da ambivalência em *Totem e Tabu*, Freud não acredita tê-lo esgotado. Explicar que o sujeito projeta a hostilidade que carrega em si no mundo externo não resolve o problema de sua gênese. No final da obra, Freud descreve essa insuficiência e aponta para uma possível origem da hostilidade:

[...] tivemos muitas ocasiões de indicar a ambivalência de sentimentos no sentido próprio, ou seja, a coincidência de amor e ódio em relação ao mesmo objeto, na raiz de importantes formações culturais. Nada sabemos sobre a origem dessa ambivalência. Pode-se supor que ela é um fenômeno fundamental de nossa vida emocional. Mas também me parece digna de atenção a possibilidade de que ela, originalmente alheia à vida emocional, tenha sido adquirida pela humanidade devido ao complexo paterno, no qual a investigação psicanalítica do indivíduo hoje ainda indica sua expressão mais forte (FREUD, 1913, p. 226).

A indicação, de que a ambivalência possa ter sua origem no complexo paterno, nos remete a outro texto, não muito discutido na literatura sobre Freud, *Uma Neurose Demoníaca do Século XVII*. “Essa história clínica demonológica traz realmente um achado valioso, fácil de ser reconhecido sem muita interpretação, tal como muitas jazidas fornecem metal puro que, em outros casos, precisa ser extraído pelo derretimento do minério, com muita dificuldade” (FREUD, 1923, p. 218). Nesse curioso texto é narrada a história de um pacto com o Diabo, que oferece as coisas mais apreciadas pelos homens ao pintor Christophe Heitzmann: “riqueza, segurança contra o perigo, poder sobre os homens e sobre as forças da natureza, até mesmo artes mágicas e, acima de tudo: a fruição [*Genuss*] de belas mulheres” (FREUD, 1923, p. 224). No entanto, o pintor recusa tudo isso. O motivo pelo qual o pintor, finalmente, cede e troca sua alma imortal é: “O diabo se obriga a substituir, por nove anos, o pai perdido do pintor”. Tal pacto soa estranho, à primeira vista. Cabe aqui acompanhar a explicitação de Freud:

Se o Deus bom e justo é um substituto do pai, então não devemos nos surpreender com o fato de que também a posição hostil que o odeia, que o teme e dele reclama tenha encontrado expressão na criação do Satã. Portanto, o pai seria a imagem primordial individual tanto de Deus quanto do Diabo. Mas as religiões permaneceriam sob o efeito inextinguível do fato de que o pai primevo era um ser ilimitadamente maligno, menos semelhante a Deus do que ao Diabo (FREUD, 1923, p. 233).

Na neurose demoníaca do pintor Ch. Heitzmann essa ambivalência em relação ao pai se expõe “a céu aberto”, muito diferente das neuroses de angústia, em que é preciso um longo trabalho para traçar a ligação do animal ameaçador com o pai. O diabo e o pai se apresentam na mesma figura [*Gestalt*]. Ou seja, trata-se de uma divisão da representação em conteúdos opostos, “então não há nenhuma dificuldade em reconhecer partes cindidas [*abspaltungen*] do pai”. Outro aspecto que nos interessa no mesmo ensaio é o modo como o pai aparece rebaixado. O diabo, substituto do pai, aparece com características femininas, o que faz clara alusão à ameaça de castração, como enfatiza Freud: “A recusa da posição feminina é, portanto, a consequência da revolta contra a castração e, em geral, ele encontra sua expressão na fantasia inversa, a castração do pai, de transformá-lo em mulher” (FREUD, 1923/2016, p. 238).

Esses dois aspectos – a cisão da representação do pai e o pai castrado – nos remetem ao conceito de desmentido (*Verleugnung*), que é tematizado nos textos *Fetichismo* e a *Cisão do Eu como mecanismo de defesa*. Esse mecanismo é diferente dos modos de negação que caracterizam a neurose e a psicose, recalque e forclusão. O desmentido é uma negação paradoxal, pois ao mesmo tempo nega e assume. Em o *Fetichismo* Freud diz que deve fazer uma retificação em relação ao seu importante e longo texto *O Eu e o Isso*.

Recentemente estabeleci dois traços distintivos entre a neurose e a psicose, de maneira que, na primeira, o Eu, dependente da realidade, reprime uma parte do Isso (da vida pulsional), enquanto o mesmo Eu, na psicose, a serviço do Isso, afasta-se de uma parte da realidade. Para a neurose, seria decisivo então o predomínio da influência real [*des Realeinflusses*], e para a psicose, o do Isso. A perda da realidade estaria dada de início para a psicose, para a neurose, ao que parece, ela seria evitada. (FREUD, 1924, p. 279).

Freud já havia criticado essa distinção em *A perda da realidade na neurose e na psicose* e também em *Neurose e psicose*, no entanto, no *Fetichismo* ele vai um pouco mais longe na crítica. Ao se deparar com dois casos de meninos que se desvincularam de uma parte da realidade, a saber, a morte de seus queridos pais, sem no entanto desenvolver uma psicose, Freud é levado a admitir que “seria permitido a uma criança aquilo que no caso de um adulto seria punido com grave prejuízo.” Ou seja, a criança pode negar uma parte da realidade sem, no entanto, se tornar um psicótico, isso porque a negação que está em questão aqui não é a rejeição (*Verwerfung*), como na psicose, mas sim o desmentido (*Verleugnung*).

Comecei a perceber também que acontecimentos semelhantes na infância de modo algum são raros e pude me convencer do meu erro na caracterização da neurose e da psicose. Mas, na verdade, havia uma informação em aberto: minha fórmula precisava apenas ser válida onde houvesse um grau mais elevado de diferenciação no aparelho psíquico (FREUD 1927, p 320).

Somente no texto *A cisão do Eu...* fica clara a relação entre o desmentido *Verleugnung* e os graus de diferenciação do aparelho psíquico. Acreditamos poder responder à questão levantada por Freud em *Totem e Tabu* sobre a origem, alheia à vida emocional, do sentimento de ambivalência. A cisão da figura do pai da neurose demoníaca de Christoph Heitzman é já uma antecipação do que Freud irá descrever como a cisão incurável do Eu. Nesse texto, Freud descreve uma situação em que um menino se vê, subitamente, obrigado a renunciar a uma poderosa exigência pulsional.

Ele deve então decidir: ou reconhece o perigo real, curva-se diante dele e renúncia à satisfação pulsional, ou recusa a realidade e se convence-se de que não há o que temer, de modo a poder ater-se a satisfação. Trata-se, portanto, de um conflito que entre a exigência pulsão e a reclamação da realidade. Entretanto, a criança não faz nenhuma das duas coisas, ou melhor, faz as duas simultaneamente, o que resulta no mesmo (FREUD, 1938/2014, p. 199-200).

Esse mecanismo, através do qual se poderia não aceitar a realidade e, devido a isso, fugir da proibição, é o desmentido [*Verleugnung*]. O preço dessa engenhosa saída, querer e não querer saber da castração, é a cisão do Eu [*Ichspaltung*].

O resultado só é atingido às custas de uma fenda no Eu, a qual nunca será curada, mas crescerá com o passar do tempo. Suas reações contrárias ao conflito permanecerão como o cerne de uma cisão do Eu [*Ichspaltung*]. Todo o processo nos parece tão inusitado porque tomamos como evidente a síntese dos processos do Eu. Contudo, é evidente que estamos errados. A função sintética do Eu, tão extraordinariamente importante, possui suas condições particulares e está sujeita a uma vasta série de perturbações. (1938/2014, p. 200).

Desse modo, podemos ler o mecanismo de defesa que Freud descreve como a cisão do Eu, em seu texto inacabado de 1938, não apenas como a defesa de alguns indivíduos em particular ante o conflito entre a exigência de renúncia de uma satisfação incompatível com a lei e a exigência de preservação dessa satisfação, mas como a defesa fundamental que constitui o sujeito e o laço social, como veremos a seguir. A renúncia pulsional como condição da civilização e do laço social é uma tese formulada em vários textos de Freud. No entanto, o que está em jogo na cisão do Eu é não somente uma renúncia, mas “no mesmo fôlego” uma recusa da renúncia, desmentindo a castração que o ameaça. Há sempre um resto que insiste em não se submeter à renúncia. Que a condição para haver sociedade é a renúncia pulsional não é nenhuma novidade trazida pela psicanálise. Toda a tradição filosófica e sobretudo a religiosa já viam na renúncia pulsional o objetivo e a fonte da civilização. O que a psicanálise traz de novo é que há sempre, além disso, uma recusa da renúncia. Assim, ante a renúncia pulsional exigida pela ameaça de castração, a criança se submete e não se submete, ela se divide. É nesse sentido que Freud aponta para “um quê da

natureza indomável” mencionado no final da conferência sobre a *Weltanschauung*, ao descrever uma das fontes do sofrimento, o social:

Esta [fonte social do sofrimento] não queremos admitir, não podendo compreender por que as instituições por nós mesmos criadas não trariam bem-estar e proteção para todos nós. Contudo, se lembrarmos como fracassamos justamente nessa parte da prevenção do sofrimento, nasce a suspeita de que aí se esconderia um quê da natureza indomável, desta vez da nossa própria constituição psíquica (FREUD, 1939, p. 29).

Em *A Interpretação dos sonhos* (1990) é dito que para o inconsciente não existe ‘não’, “O sonho pode também se dá a liberdade de representar um elemento pelo seu oposto de desejo, de modo que, à primeira vista não se sabe – de um elemento que admita um oposto – se ele está contido nos pensamentos dos sonhos de maneira positiva ou negativa” (FREUD, 1920, p. 59). Do mesmo modo, nas neuroses de angústia, como já mencionado aqui, o medo de um animal é uma projeção de moções hostis dirigidas ao pai que não se podem admitir. Ou seja, nenhuma figura da vida libidinal se apresenta sem a marca da ambiguidade, por mais escamoteada que ela esteja.

Em sua *Introdução ao Narcisismo* é descrito como o objeto amado toma para si o investimento libidinal que era dirigido para o Eu. Esse objeto, na maioria das vezes, “é amado pelas perfeições a que o indivíduo aspirou para o próprio Eu, e que através desse rodeio procura obter, satisfação de seu narcisismo.” (1921/2011, p. 71). Esse investimento no objeto amado cresce ainda mais quando não existe a possibilidade de satisfação. Em tal estágio de enamoramento a instância crítica se cala diante do objeto amado, “na cegueira do amor, o indivíduo pode se tornar, sem remorsos, um criminoso.” (1921/2011, p. 70). O estado de enamoramento tem a capacidade de “suspender os recalques e restaurar perversos. Eleva o objeto sexual à categoria de um ideal sexual.” No entanto, o que temos na massa é justamente um enamoramento pelo líder com inibição do componente sexual. Talvez essa inibição seja o motivo de não haver nenhuma moção libidinal hostil dirigida para o líder. Parece haver, assim, uma figura na vida libidinal que não porta a marca da ambiguidade e é objeto de puro amor. O que ocorre ao indivíduo dentro da massa é uma perturbação em sua função sintética. Nas massas, tal como formula Freud (1921/2012), há uma regressão da atividade anímica a um estágio anterior, infantil. Porém essa regressão não pode efetivamente transportar o indivíduo a um momento anterior à sua divisão. Não seria possível curar-lhe de tal fenda, de desfazer a cisão de seu Eu. A regressão caminha, sim, somente em direção a um lado do Eu cindido, a saber, o lado que busca a livre satisfação pulsional. E sem o seu oposto para lhe impor algum tipo de renúncia, o caminho estaria livre. Isso explica por que na massa o que impera é o psiquismo inconsciente, “o enfraquecimento da aptidão intelectual, a desinibição da afetividade, a incapacidade de moderação e

adiamento, a tendência a ultrapassar todas as barreiras na expressão de sentimentos e a descarregá-los inteiramente na ação” (FREUD, 1921/2012, p. 77).

A massa psicológica é o meio pelo qual o sujeito tem de se ver livre de sua divisão psíquica. Freud, na *Psicologia das Massas*, caracteriza essa perda da individualidade a partir de duas características fundamentais, de onde todas as demais emergem. Por um lado, a desinibição da afetividade e, por outro, o enfraquecimento da aptidão intelectual. O indivíduo perde sua autonomia, fica reduzido a um membro da massa e sua reação fica atrelada a dos demais membros, por isso a tendência a descarregar os sentimentos em ações, sem moderação ou adiamento: “justamente as manifestações desse inconsciente, no qual se acha contido, em predisposição, tudo de mau da alma humana.”

“Uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar do seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu.” (FREUD, 1921/2011, p. 76). Tal processo se dá pelo que Freud chama de enamoramento. Em sua *Introdução ao Narcisismo* ele descreve o modo como o objeto amado toma para si o investimento libidinal que era dirigido para o Eu. Esse objeto, na maioria das vezes, “é amado pelas perfeições a que o indivíduo aspirou para o próprio Eu, e que através desse rodeio procura obter, satisfação de seu narcisismo.” (FREUD, 1921/2011, p. 71). Esse investimento no objeto amado cresce ainda mais quando não existe a possibilidade de satisfação. Em tal estágio de enamoramento a instância crítica se cala diante do objeto amado, “na cegueira do amor, o indivíduo pode se tornar, sem remorsos, um criminoso.” (FREUD, 1921/2011, p. 70). Freud resume tal fenômeno com a seguinte formulação: o objeto se colocou no lugar do ideal do Eu. O que ocorre nas massas é que o mesmo objeto se coloca no lugar do ideal do eu de todo o grupo, o líder. (FREUD, 1921, p. 59).

Uma figura que seja fonte de puro amor só pode existir na vida psíquica se houver o seu contraponto, se o ódio, no caso da massa, for dirigido, na mesma intensidade, para outra figura. Toda a hostilidade que é recusada ao líder da massa é dirigida para o estranho. Ou seja, é essencial para a formação e a manutenção de uma massa a hostilidade a um estrangeiro. Se admitirmos que a massa em *A Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/1996) é sinônimo de rebanho, e que tal termo tem como equivalente latino o substantivo *grex*, do qual derivam o substantivo e o adjetivo ‘grego’ (como os romanos chamavam o indivíduo do povo helênico), adjetivo ‘gregário’, e os verbos ‘agregar’ e ‘segregar’, encontramos já uma sugestão interessante para pensar a formação do que Freud chamou de massa. Segregar, separar do rebanho aquele que não pode ser identificado com os outros indivíduos, portadores do mesmo traço identificatório como condição de sua reunião no rebanho. “A contradição com o rebanho” equivale a uma separação do rebanho, diz Freud (1921/1996) no capítulo sobre o “Instinto Gregário” nessa obra: “o rebanho recusa tudo aquilo que é novo, inabitual”.

Podemos admitir que o segregado da massa está numa condição análoga àqueles que violam o Tabu, como descrito no ensaio de 1912. Freud conclui que: “o fundamento do Tabu é um ato proibido para o qual existe uma forte inclinação” (p. 75). O tabu se conserva porque o desejo de praticar os atos proibidos se mantém inconscientemente. Freud chama de *atitude ambivalente* o temor que se tem pelo tabu e, ao mesmo tempo, o desejo de transgredi-lo, “nada gostariam mais de fazer, em seu inconsciente, do que infringi-las, mas também têm receio disso; receiam justamente porque querem, e o temor é mais forte que o desejo. No entanto, o desejo é inconsciente em cada indivíduo desse povo, tal como no neurótico.” (FREUD, 1913, p. 39).

A pessoa que transgrediu um tabu se torna ela própria tabu porque tem a perigosa aptidão de tentar outras pessoas a seguir seu exemplo. Ela desperta inveja; por que lhe deveria ser permitido o que às outras é proibido? Ela é, portanto, realmente contagiosa, na medida em que todo exemplo estimula a imitação, e, por isso, ela própria deve ser evitada. (FREUD, 1913, p.75).

Os segregados da massa têm a “aptidão de incitar a ambivalência” uma vez que a massa psicologica se funda sobre uma série de renúncias pulsionais, todos os que não fazem parte da massa por não estarem submetidos às mesmas renúncias são vistos como violadores de seus ‘tabus’. Essa violação significa um perigo para a massa. “[o perigo] consiste na possibilidade da imitação, em virtude da qual a sociedade [massa] logo se desagregaria. Deixando impune a violação, os outros se dariam conta de querer agir da mesma forma que o transgressor.” (FREUD, 1913, p. 41).

O fato de que na passagem supracitada possamos substituir sociedade por massa sem prejuízo algum a nossa leitura não deve poder nos confundir. As massas não são o mesmo que a sociedade, elas são, antes, o seu avesso. As massas, como caracterizado no segundo capítulo da *Psicologia das Massas*, seriam agrupamentos efêmeros enquanto o social os “agrupamentos mais universais em que vive o ser humano, esse animal político” (FREUD, 1921/2011, p. 79). Essas associações momentâneas, entretanto, não se caracterizam por uma unidade maior, por um laço mais forte que o social. A massa representa, antes, uma ruptura do laço, ou seja, um retorno de tudo isso que no social deve ser deixado de fora. Em tais formações há como que uma livre manifestação de impulsos pulsionais recalçados, anulando, com isso, todas as aquisições individuais. É nesse sentido que, para Freud (1921/2011, p. 20), “O heterogêneo submerge no homogêneo. Diríamos que a superestrutura psíquica, que se desenvolveu de modo tão diverso nos indivíduos, é desmontada, debilitada, e o fundamento inconsciente comum a todos é posto a nu (torna-se operante)”.

A hipermobilidade das massas, sua abnegação à renúncia pulsional mascara um impulso oposto. O segregado da massa, além de ser objeto da mais terrível

hostilidade, é, ao mesmo tempo, objeto de um inconfesso desejo. O estrangeiro, uma vez que não está submetido ao mesmo elevado grau de renúncia, é tido como obscuro, profano. Nesse ponto o paralelo com *Totem e Tabu* se mantém pertinente, a punição para aquele que transgride determinado tabu, “os mais antigos e mais fortes desejos do ser humano”, é muitas vezes a morte.

“[as pessoas que transgridem o tabu] tem a aptidão de estimular os desejos proibidos das outras pessoas, de despertar nelas o conflito de ambivalência.” (FREUD, 1913, p. 75). Ou seja, a presença do estrangeiro faz o homem da massa lembrar da sua própria divisão, isso que podemos dizer ser o fundamento do mal-estar na cultura. Percebemos assim que a Cisão do Eu não é apenas uma saída astuciosa de uns poucos indivíduos, ela é, antes, a garantia de haver indivíduos. O desmentido é o artifício pelo qual se transfere o valor do objeto interdito para um outro, garantindo assim a continuação da satisfação. Quando nas massas se suspende essa satisfação própria a cada indivíduo a consequência é uma brutalidade dirigida, sem qualquer tido de contenção, a quem não faz parte do grupo.

Nos momentos de crise, há sempre a sedutora saída de dissolver as diferenças numa identidade maior, na aposta de um ideal humanista. Freud nos mostra, porém, que o fundamento do laço social é a diferença do sujeito consigo mesmo (cisão do Eu), e não a identidade entre os homens. O sujeito não pode não se submeter à lei e não pode se submeter à lei. O resto de satisfação que insiste na recusa da renúncia, constitutiva do sujeito em sua cisão e do laço social, revela-se também como a perturbação da “natureza indomável da pulsão”. Na massa essa perturbação é localizada no estrangeiro, que lhe é exterior e que, se não é domável, deve ser eliminado. É assim que, quando não se dá lugar para essa perturbação, a pulsão se impõe de maneira mais brutal. A massa não faz a aposta no ideal de um homem universal. Na massa se suspende a diferença, que se encarna apenas no estrangeiro, a ser combatido, quando não eliminado.

Referências bibliográficas:

- FREUD, S. (1913/2012). *Totem e Tabu*. Obras Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. XI.
- FREUD, S. (1914-1916/2010). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. Obras Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. XI.
- FREUD, S. (1921/2010). *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Obras Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. XVIII.
- FREUD, S. (1922-23/2016). *Uma neurose do século XVIII*. Neurose, Psicose e Perversão. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- FREUD, S. (1938/2014). *A cisão do Eu como processo de defesa*. Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- FREUD, S. (1939/2014). *O Homem Moisés e a religião monoteísta*. Porto Alegre: L&PM.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.